



“PALAVRAS FEMININAS, VOL 1.” ENTRE O BATUQUE E A PALAVRA: O SAMBA COMO DENÚNCIA E AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA FEMININA

MARIA LUIZA GONÇALVES LEME

Trabalho apresentado na 15ª Feira de Ciência e Tecnologia BRAGANTEC.

Período de desenvolvimento do projeto: junho 2025 a outubro 2025

Orientadora:

Prof^a. Jacileia Cadete Abreu

Instituto Federal de São Paulo *campus* Bragança Paulista

Endereço: Av. Maj. Fernando Valle, 2013 - São Miguel, Bragança Paulista - SP, 12903-000

**Bragança Paulista, 2024
SP – Brasil**



RESUMO DO PROJETO

O projeto de pesquisa aqui apresentado centraliza os estudos no álbum "Palavras Femininas, Vol. 1", publicado pelo artista Mumu de Oliveira, com o intuito de dar reconhecimento às composições de mulheres negras. O ponto de partida é o reconhecimento de que as políticas de branqueamento e as estruturas de marginalização impactaram de forma particular e severa a população negra, criando para as mulheres negras uma condição de vulnerabilidade interseccional, na qual as opressões de raça, gênero e classe se fundem, produzindo experiências únicas de silenciamento e exclusão. Neste contexto, a música, em especial o samba, emergiu como um espaço vital de agência, preservação cultural e resistência. Contudo, a contribuição das mulheres negras nesse campo foi frequentemente relegada a funções estereotipadas, como a de "musa", apagando seu papel essencial como compositoras e intelectuais. O projeto de Mumu de Oliveira surge, portanto, como uma intervenção direta contra esse apagamento, visando restituir a autoria e a voz a essas mulheres. A análise demonstra que as canções do álbum formam uma narrativa coesa sobre resistência e identidade. As músicas percorrem um caminho que vai da representação do cotidiano de trabalho com influências africanas, passa pela afirmação religiosa e pela crítica à marginalização da mulher, até chegar à celebração da mulher negra como figura central. As considerações apontam que o projeto vai além de uma simples coletânea musical, configurando-se como um ato político de resistência. Ao dar voz a essas compositoras, o trabalho desmonta estereótipos e propõe que a experiência da mulher negra é fundamental para compreender e transformar a sociedade brasileira. A obra ilustra como a resistência cultural pode criar novos arquétipos positivos e oferecer perspectivas essenciais para projetos de justiça social.



SUMÁRIO

RESUMO DO PROJETO	2
1. AGRADECIMENTOS	3
2. INTRODUÇÃO	3
3. OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DO PROJETO	3
4. METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO	4
5. RESULTADOS	4
6. CONCLUSÕES	6
7. REFERÊNCIAS	7



1. AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos, em especial, às minhas professoras Catarina Percinio, Jacileia Abreu e Mirella Novais. São mulheres inspiradoras que fazem imensamente parte da minha trajetória acadêmica. Suas distintas especialidades foram pilares de grande valor para o desenvolvimento deste projeto. À Professora Jacileia, que exerceu o papel de orientadora, devo um agradecimento singular por sua visão social tão esclarecedora, a qual se integra perfeitamente não apenas ao trabalho, mas também à minha formação pessoal.

Um agradecimento muito especial direcionado à Professora Ana Carolina Freschi, que, mesmo sem qualquer responsabilidade formal sobre o projeto, teve um papel que ultrapassou o essencial para a sua conclusão. Por isso, ela tem a minha mais profunda admiração e gratidão. Também gostaria de formalizar minha gratidão ao seu envolvimento pessoal e seu interesse pela minha formação e carreira, é um grande objetivo ser uma professora e acadêmica como você.

Um agradecimento singular também é direcionado à minha comunidade religiosa, que me proporcionou o alicerce espiritual em que nasce a motivação deste projeto. Foi nesse solo de fé que a motivação desse projeto se iniciou, e que será levada adiante.

Assim encerro com minha gratidão à minha família que me proporcionou essa visão de mundo social e a paixão pela música. Também que incentiva a minha pesquisa e que admira minha curiosidade. Assim como minha base religiosa, e essa base foi, nada menos, do que a maior e mais genuína motivação para a realização deste projeto. Para maior reconhecimento, obrigada minha mãe, Débora, meu pai, André, e meus avós, M^a Cristina e René.

2. INTRODUÇÃO

A história social brasileira do século XX foi profundamente marcada por processos de urbanização acelerada, políticas de branqueamento e estruturas de marginalização que impactaram a população negra. Para as mulheres negras, essa realidade foi vivida através de interseccionalidades de raça, gênero e classe, que as colocaram em posições de dupla ou tripla vulnerabilidade. Nesse contexto, a música, em especial o samba, emergiu como um espaço fundamental de agência, preservação cultural e resistência, permitindo a expressão de experiências sociais muitas vezes silenciadas pela narrativa oficial.

Uma evidência da marginalização do samba é a Lei da Vadiagem (Decreto-Lei nº 3.688/1941), que ficou em vigor no período entre 1989 e 2023. Ela foi criada logo após a abolição da escravidão no Brasil (1888) e teve impacto principalmente na vida das pessoas negras recém libertas. Nesse contexto, surgem as periferias, afastamento das pessoas negras ou pobres das áreas urbanas, a marginalização das práticas artísticas africanas e a cultura do trabalho negro, em que o negro tem a jornada laboral dupla ou tripla em relação aos brancos. A falta de consideração em descontinuar essa lei, até o ano de 2023, pode demonstrar um descaso com membros de comunidades culturais africanas e pessoas em situação de rua.

Essa lei, ao criminalizar a "ociosidade" e a falta de emprego formal, tornou-se uma ferramenta de repressão direta às expressões culturais de origem africana no Brasil. Práticas como o samba, a capoeira e as rodas de dança em espaços públicos foram frequentemente alvo de perseguição policial, pois seus praticantes, majoritariamente negros e pobres, eram enquadrados como "vadios" por se reunirem para celebrar suas tradições. Essa criminalização não apenas obrigou muitas manifestações a se refugiarem em locais fechados ou clandestinos, mas também estigmatizou culturalmente essas expressões, associando-as à marginalidade por décadas. Dessa forma, a lei atuou como um mecanismo de controle social que tentou silenciar e invisibilizar a presença e a resistência cultural negra no espaço público.

É nesse cenário que se faz fundamental a participação das mulheres negras na resistência. Mulheres como Tia Ciata (Hilária Batista) e outras "Tias Pretas" incentivam as práticas culturais como o samba, assim os praticantes se reuniam para celebrar a musicalidade dentro do terreiro, e as mulheres negras foram as principais responsáveis pela manutenção e continuação dessas práticas.

Contudo, um ensaio sobre musicalidade ancestral que considera mulheres negras e o samba (Emydio, 2022) afirma que, apesar de sua contribuição essencial, a atuação dessas mulheres na cultura frequentemente foi relegada a funções estereotipadas, como a de "musa" ou "intérprete", anulando seu papel como criativo como compositoras e intelectuais produtoras de patrimônio cultural. É precisamente para contestar esse apagamento que surge o projeto do artista Mumu de Oliveira. Seu álbum "Palavras Femininas, Vol. 1" tem como objetivo central dar visibilidade e reconhecimento às composições de mulheres negras, reposicionando-as como vozes autorais fundamentais para a compreensão da sociedade brasileira.

3. OBJETIVOS E RELEVÂNCIA DO PROJETO

Como objetivo geral e principal, o projeto visa tratar as produções musicais do álbum como evidência documental histórica e política, foi feito um recorte para a análise que considera apenas as músicas que tem um discurso centrado na resistência e na identidade. Essa abordagem busca

compreender como os discursos veiculados por essas expressões artísticas constituem narrativas que refletem e interpretam criticamente a realidade social brasileira, particularmente afetando grupos em situações de vulnerabilidade. O projeto foca em analisar somente os discursos presentes nessas músicas, por isso, o projeto não pesquisa a trajetória vivida pelas compositoras. A iniciativa reconhece que esses gêneros musicais como o samba, o rap e o funk, frequentemente marginalizados, funcionam como reflexos legítimos das experiências de comunidades periféricas, podendo ser elevados à condição de fontes primárias para investigação científica. O samba, ainda transpassa a figura do ócio, da farra, fazendo com seja considerado um discurso menos valioso. A afirmação de Raul Seixas, "A arte é o espelho de uma época", reforça essa perspectiva, sublinhando o papel da música como registro vivo de contextos históricos e tensões sociais. Assim, a própria iniciativa do artista configura-se como um ato de resistência política, desafiando hierarquias de conhecimento que tradicionalmente excluem essas vozes.

Como objetivos específicos, o projeto pretende, em primeiro lugar, identificar e analisar os arquétipos e identidades construídos nas letras selecionadas, abrangendo desde a figura do trabalhador rural até a mulher preta como força fundamental, passando por diferentes personagens e vulnerabilidades. Em segundo lugar, busca examinar como tais construções contestam estereótipos e concepções pré-estabelecidas sobre essas populações, focando no processo de ressignificação que transforma visões preconceituosas em novas perspectivas de poder e complexidade humana. Um terceiro objetivo reside em demonstrar como essa reconstrução narrativa contribui para a descolonização dos saberes, evidenciando como discursos originários de grupos subalternos produzem conhecimento crítico sobre a sociedade.

Dessa forma, o objetivo final é reconhecer essa reconfiguração de figuras sociais como um mecanismo artístico e político que não apenas espelha a realidade, mas ativamente a reinterpreta, disputando seus significados e abrindo espaço para narrativas historicamente silenciadas.

Nesse sentido, também está a relevância do projeto, que reside no reconhecimento desse patrimônio cultural como criações e resistências negras e femininas. As músicas trabalham de forma diferente o tópico feminilidade, trazendo uma nova perspectiva sobre a luta feminina e negra. Os textos tratam da mulher preta com a visão sagrada, social e emocional, deslocando o discurso da "negra forte e resistente" como alguém que passa pelas dificuldades sociais sem se abalar, para uma mulher que sente e representa a revolução necessária para uma reforma na sociedade.

METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO

O percurso metodológico incluiu contextualização social e análise discursiva das letras, seguindo a metodologia de Foucault, que afirma que o espaço social em que o indivíduo se enquadra reflete em seu discurso e a forma que ele se dissipa. Em especial, o projeto é baseado na sua consideração sobre a exclusão do discurso: *"Há na nossa sociedade outro princípio de exclusão: não já um interdito, mas uma partilha e uma rejeição. Penso na oposição da razão e da loucura. Desde os arcanos da Idade Média que o louco é aquele cujo discurso não pode transmitir-se como o dos outros: a sua palavra nada vale e não existe"* (Foucault, 1970, p. 2). Nesse excerto, é evidente que os grupos de indivíduos marginalizados pela sociedade têm seu discurso desconsiderado como uma fonte de ciência, ou interrompido em sua dissipação. Dessa forma, os discursos desses indivíduos se concentram em pequenos meios sociais, e não são considerados pelas grandes massas.

Além disso, a análise é relacionada aos contextos sociais e políticos de sua produção utilizando as visões sociais de Gonzalez e hooks. Essas pensadoras fundam o pensamento conceitual de “feminismo negro”, que se opõe a discussões centralizadas na feminilidade branca e hegemônica, centradas em um sexismo padronizado como problemática que afeta as mulheres coletivamente e desconsidera suas individualidades e enquadramento social. hooks (1991) desenvolve o conceito de “interseccionalidade”, que investiga como os diferentes elementos de discriminação compõem uma experiência social individual e afetam o indivíduo de forma única. Sendo assim, esses fatores não agem da mesma forma em todos os indivíduos, mas dependem da interação entre si e da composição individual para agir sobre a formação discriminatória que esse indivíduo enfrentará. Enquanto isso, Gonzalez (2020) contextualiza o conceito de “amefricanidade” que desafia a visão eurocêntrica e colonizadora da identidade e cultura da latino-américa. Gonzalez propõe o reconhecimento das matrizes indígenas e africanas para combater o racismo e o neocolonialismo cultural que a América Latina sofre em relação à América do Norte e a Europa.

Ademais, Burke (1991) colabora com a visão do projeto pois disserta sobre como a história pode ser escrita por pessoas comuns, sem a necessidade de ser um renomado escritor ou pesquisador. Um popular exemplo desse fenômeno é “O Diário de Anne Frank”, um relato pessoal escrito por uma garota de 13 anos que vivenciou os horrores do holocausto durante a Segunda Guerra. O objetivo é argumentar contra a elitização dos recursos históricos, como o próprio autor argumenta, uma narrativa cotidiana de um camponês durante o regime feudal pode constituir uma evidência sobre as diferentes formas de organização civil e os hábitos populares da época.

Durante o desenvolvimento do projeto, foi possível separar as músicas conforme seus temas e abordagens. Dessa forma, foram selecionadas as músicas que tratam de resistência, empoderamento e identidade (Estrela Negra, Lá no Meu Terreiro, Madalena, Mulher Preta e Entre o Ayê e o Orum). Com isso, foram realizadas análises discursivas das letras e reflexões sobre como o discurso expresso nas músicas corrobora o pensamento de interseccionalidade e amefricanidade, e principalmente como apoia o movimento feminista negro para a afirmação da identidade e da existência das mulheres negras.

4. RESULTADOS

É possível agrupar as músicas em dois núcleos: aquelas que têm um teor de resistência ou empoderamento (seja ele em relação à etnia, gênero ou classe social) e aquelas que seguem o viés da fé. Dessa forma, é possível interligar os discursos semelhantes. A maioria das mulheres que participaram das composições são anônimas na indústria musical, por isso não é possível investigar suas trajetórias.

*“Eu vim de Capivari
Trabaiánu pá daná
Umbigada era dia e noite
Pra roçada suportá
E pra mode derrubá
A mardade dos óio do fiscá”*
Adequação para a escrita normativa:
*Eu vim de Capivari
Trabalhando para danar
Umbigada era dia e noite
Para a roçada suportar*



*E para poder derrubar
A maldade dos olhos do fiscal”*

Estrela Negra, Laís de Oliveira e Karina Adorno

A música "Estrela Negra" introduz a figura do trabalhador, especificamente um natural de Capivari (interior de SP), cuja rotina exaustiva, possivelmente ligada ao cultivo da cana-de-açúcar da cidade, é suportada pela prática da umbigada, uma dança de origem africana. O eu-lírico se constrói com o arquétipo do "caipira", evidenciado pela replicação da variação linguística regional em sua fala (*A maldade dos óio do fiscá*). A menção à umbigada também permite inferir uma proximidade do sujeito com a cultura negra, elemento que serve de ponte para as demais composições. Assim, a letra desconstrói a visão do trabalhador que sofre e substitui-a pela perspectiva de alguém que dança para superar o cotidiano laboral.

*“Mandei benzer, mandei benzer
Mandei benzer meu tambor lá no dendê
Mandei benzer, mandei benzer
Mandei benzer meu tambor lá no dendê*

*O negro toca, o negro canta, o negro dança
Foi lá no meu terreiro que aprendi desde a infância
O negro toca, o negro canta, o negro dança
Foi lá no meu terreiro que aprendi desde a infância*

*O negro toca, o negro canta
O negro dança desde criança
O negro toca, o negro canta
O negro dança desde criança”*

Lá no Meu Terreiro, Tamara Castro

Essa conexão com a herança africana se aprofunda radicalmente em "Lá no Meu Terreiro". Aqui, o eu-lírico, que se afirma como uma pessoa negra e de religião de matriz africana, narra a descoberta de seu lugar social e identitário no ambiente do terreiro, um espaço sagrado de tradição afro-brasileira, simbolizado pelo toque do tambor. A narrativa em primeira pessoa enfatiza a experiência pessoal de pertencimento e afirmação racial.

*“Quando o sol se esconde a noite desperta
O brilho da lua esconde o meu rosto
Carregado de desgosto*

*Ando dissimulada pela madrugada
No corpo o preto do luto e luxúria
Em cada calçada a vida arriscada
De quem do prazer só sentiu a fúria*

*O jugo pra esquecer
O corpo pra viver
Penhorava o brio, a paixão e o querer*

Embora eu não seja mulher que se dá pra vender



Embora eu não queira viver do que tem pra comer”

Madalena, Raquel Freitas e Lua Cristina

O recorte de gênero e marginalização surge em "Madalena", que retrata a história de uma mulher que se prostitui por necessidade. O eu-lírico feminino expressa um profundo desgosto com a vida noturna e um luto por si mesma, ocultando seu estado emocional. O título, uma referência à figura bíblica de Maria Madalena, reforça a ideia da prostituição e da busca por redenção, destacando a vulnerabilidade e a luta pela sobrevivência no universo feminino. Apenas utilizando o discurso exposto no texto, não é possível identificar a origem étnico-racial da personagem, mas, se considerarmos essa persona como mulher preta, o discurso passa a ter ainda mais poder, pois construirá uma imagem emocionalmente fragilizada da mulher. Isso desafia o estereótipo da mulher negra resistente, forte, aquela que resiste aos desafios e não cede à pressão. Essa consideração é importante, pois, apesar de o texto não indicar esse fator, essa hipótese fará do discurso ainda mais potente no combate aos estigmas e preconceitos acerca do tópico.

*“Quando uma Mulher Preta se mexe
O mundo inteiro se mexe também*

Uma Mulher Preta criou o mundo

*Quando uma Mulher Preta se mexe
O mundo inteiro se mexe também
Quando uma Mulher Preta escreve
O mundo deve mexer também
Quando uma Mulher Preta fala
O mundo deve mexer também
Quando uma Mulher Preta canta
O mundo deve mexer também*

Uma Mulher Preta criou o mundo”

Mulher Preta, Mumu de Oliveira

A figura da mulher negra, no entanto, é elevada a um patamar de centralidade e poder em "Mulher Preta". Única música do álbum escrita pelo intérprete, a composição articula os elementos africano e feminino como a origem de toda a humanidade. A afirmação "Quando uma Mulher Preta se mexe, o mundo inteiro se mexe também" funciona tanto como um reconhecimento dessa primazia histórica quanto como um chamado para que o mundo dê visibilidade e sensibilidade às atividades e à situação dessas mulheres, frequentemente invisibilizadas. A música, além da letra, conta com uma locução de dedicatória e agradecimento às mulheres que fazem parte emocionalmente da vida dos homens que colaboraram com o projeto e as mulheres que contribuíram diretamente para o projeto.

*“Ogum me forjou, do aço nasci
Oxum me criou
Iansã venta em mim
E é lá de África, da força e da fé
De lá que irradia e reluz o meu axé*



*Ecoou, um grito valente vindo de Palmares
Rainha Nagô levantou seus pilares
E Olorum abençoou*

*Tem raiz na realeza negra que aportou outrora
Do povo valente do Congo, de Angola
Na dor que maltrata e revigora*

*Ogum me forjou, do aço nasci
Oxum me criou
Iansã venta em mim
E é lá de África, da força e da fé
De lá que irradia e reluz o meu axé*

*Vem ver
Minha gente de Jeje, de Ketu de Angola
Essa mão no tambor bate tanto que esfolta
São as linhas certas que Zambi traçou
Tem nada não
Essa mão no tambor é guerreira ela sabe voar
Ela paira entre o Ayê e o Orum
Fundamento de orixá
Feminina raiz que vem de lá”
Entre o Ayê e o Orum, Maira da Rosa*

Por fim, "Entre o Ayê e o Orum" sintetiza e espiritualiza essas discussões. A compositora discursa sobre a força e as heranças africanas, afirmando que seu axé (energia vital) vem da África, o que denota um profundo senso de pertencimento e honra. O uso abundante de termos em iorubá reafirma a conexão sagrada com as nações Nagô/Ketu, ademais o uso da expressão “minha gente” e serve como uma afirmação política da origem africana. O verso final, "Feminina raiz que vem de lá", corrobora e amplifica o discurso de "Mulher Preta", estabelecendo de forma incontestável a ideia de uma origem humana mundial que é simultaneamente africana e feminina.

5. CONCLUSÕES

Em conjunto, as músicas traçam um arco narrativo que vai da labuta diária e da cultura exaustiva do trabalho rural com influências negras, passa pela afirmação identitária e religiosa, pela crítica social à marginalização da mulher, e culmina na celebração da mulher negra como matriz sagrada e fundamental da humanidade.

Com base nas análises das músicas e no referencial teórico de Gonzalez e hooks (1991; 2020), o álbum não se configura como uma mera coleção de canções, mas sim como um ato político de resistência e afirmação, que estabelece um diálogo essencial com as teorias interseccionais desenvolvidas por essas pensadoras fundamentais. Ele opera, na prática, uma tradução artística dos complexos conceitos teóricos, dando-lhes uma composição sonora e emocional.

O percurso narrativo do álbum exemplifica com clareza a interseccionalidade proposta por hooks, indo além da simples soma de opressões como racismo e sexismo. A análise demonstra como essas forças se fundem para criar experiências únicas e específicas. Na música "Madalena", por exemplo, materializa-se a crítica de Gonzalez ao feminismo hegemônico: a

protagonista vive um sexismo profundamente marcado pela pobreza e pela marginalização social, uma realidade distante das pautas tradicionalmente privilegiadas. Sua experiência confirma, assim, que a opressão de gênero é intrinsecamente racializada e classista.

Paralelamente, o álbum realiza na prática a desconstrução dos arquétipos coloniais analisados por Gonzalez. Se a pensadora desmonta criticamente a figura romantizada e subalterna da "Mãe Preta", as músicas "Mulher Preta" e "Entre o Ayê e o Orum" respondem com a construção de um novo arquétipo: potente, porém delicado, sagrado e fundador. Elas não negam a maternidade, mas a reposicionam como a "feminina raiz" de toda a humanidade, tirando-a do lugar da servidão e elevando-a à condição de matriz civilizatória. Esta é uma estratégia artística que corrobora o projeto político de forjar a "mulher negra" como uma categoria política específica e autônoma.

A obra também exemplifica o que hooks define como a "posição única de insight", que é a perspectiva única vivida por mulheres negras e baixa renda. Partindo da experiência concreta do trabalhador de "Estrela Negra", cuja cultura cotidiana já é permeada pela herança africana, e chegando à cosmovisão espiritual de "Entre o Ayê e o Orum", o álbum demonstra que é a partir do lugar social mais castigado pela estrutura, a intersecção do racismo, do sexismo e da exploração de classe, que se obtém a visão mais abrangente e radical para criticar o sistema. A voz que canta no terreiro, em "Lá no Meu Terreiro", não está apenas buscando refúgio; está, conforme preconiza hooks, construindo um lugar ativo de agenciamento e poder.

Portanto, este projeto musical consolida-se como uma contribuição fundamental para a cultura brasileira. Ele atua como um instrumento de descolonização, desmontando estereótipos e mitos, como o da democracia racial, ao evidenciar opressões específicas, e reafirmando a herança africana como central e positiva. Em última análise, a obra não apenas retrata opressões, mas ativa e celebra as formas de resistência e existência que surgem delas. Ao colocar a "Mulher Preta" como o eixo que move o mundo, o álbum ecoa o chamado de Gonzalez e hooks por um feminismo antirracista, propondo que a libertação da mulher negra é a chave mestra para uma transformação social radical e verdadeiramente libertadora para todas as pessoas. Qualquer projeto de justiça social que não tenha sua experiência como ponto de partida está, assim, fadado à incompletude e ao fracasso.

6. REFERÊNCIAS

CULTURAZ SANTO ANDRÉ. MuMu de Oliveira - CulturAZ Santo André. Disponível em: <https://culturaz.santoandre.sp.gov.br/agente/3187/#info> >. Acesso em: 17 jun. 2025.

Burke, Peter. **A Escrita Da História Novas Perspectivas**. São Paulo, Unesp, 1991.

Emydio, Ana Karolina Matias, Cristiane Westrup, Fernanda da Rocha Fabiano, e Fernanda da Silva Lima. **"A musicalidade ancestral das mulheres negras na cultura brasileira: samba, uma contranarrativa de resistência à apropriação cultural."** In Criminologia periférica. CLAECE e-Books, 2022.

Gonzalez, Léila. **Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano : Ensaio, Intervenções e Diálogos**. Editorial: Rio De Janeiro, Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Anseio: raça, gênero e políticas culturais**. Nova York: Routledge, Taylor & Francis Group, 1991. p. 41-49

OLIVEIRA, Mumu de. Palavras femininas, Vol. 1 [recurso eletrônico]. 2020. Disponível em: https://youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_nAUSC6bnlbXWzclCe1Of2pgr9Gqkz20l0&feature=shared >



SANTOS, J. Entrevista com MuMu de Oliveira: a música e o samba no combate ao racismo. Disponível em:

<<https://www.esquerdadiario.com.br/Entrevista-com-MuMu-de-Oliveira-a-musica-e-o-samba-no-combate-ao-racismo>

>. Acesso em: 17 jun. 2025.